



CATÁSTROFE NO HIMALAIA

O diretor de escola que virou herói

Rajendra Dawadi impediu que 900 alunos fossem colhidos pelo tsunami de lama, ao suspender aulas e ordenar retirada para área segura. Especialistas veem impacto do aquecimento global. Mortos passam de 780; ao menos 2.500 estão desaparecidos

» RODRIGO CRAVEIRO

No perfil do Facebook do nepalês Rajendra Dawadi, diretor da Escola Secundária Superior Tribhuwan Trishuli, em Trishuli Bazar, no distrito de Nuwakot, as mensagens se multiplicam. “Eu tenho orgulho de dizer que somos amigos e ex-colegas”, escreveu Kafle Prakash. “Você é o verdadeiro herói que salva a vida de muitas pessoas”, reagiu Pascal Vanryckel. “Imenso respeito, grande trabalho”, comentou Bisham Acharya. Em entrevista ao **Correio**, Dawadi contou que tudo aconteceu às 9h10 daquela quarta-feira (pelo horário local). “Eu lecionava, na sala de aula, quando meu secretário veio e gritou que uma enchente estava vindo. Outro professor disse que houve uma grande inundação em Rasuwa. Alguns pais vieram buscar seus filhos. Esses três incidentes me fizeram tomar a decisão rápida de enviar cerca de 900 alunos, entre 11 e 18 anos, a um local seguro. Muitos foram para um ponto mais alto, outros para suas casas. Estavam aterrorizados”, relatou.

Perguntado como vê o fato de ser considerado um herói, Dawadi respondeu: “Apenas cumpri com meu dever e minhas responsabilidades; eu estava liderando o movimento”. O diretor da escola afirmou que, desde o dia da catástrofe, tem se sentido emotivo. “Eu passei 23 anos de minha vida, ali, como professor. Foi lá que também aprendi. Agora, nada restou”, disse. Segundo Dawadi, dois funcionários da escola estão desaparecidos.

Enquanto as equipes de resgate avançam com extrema dificuldade pela grossa camada de lama que cobriu vilarejos no vale do Rio Trishuli,

Prabin Ranabhat/AFP



Imagem aérea mostra casa e ônibus tombados pela lama à margem do Rio Trishuli, no distrito de Nuwakot: vilarejos foram arrasados

as chances de encontrar sobreviventes da catástrofe da última quarta-feira diminuem com o passar das horas. Muitos corpos, em estado de decomposição, foram acondicionados de forma precária em escritórios climatizados da associação de comerciantes do distrito de Nuwakot. Murais com fotografias dos corpos estão dispostos no município nepalês de Bhartpur, 160km rio abaixo do epicentro do desastre, e na capital Katmandu.

Nos dois pontos, familiares de desaparecidos observavam as imagens, na tentativa de localizar entes queridos.

Até o fechamento desta edição, a inundação tinha deixado pelo menos 781 mortos e 2.502 desaparecidos, incluindo 592 estrangeiros. O Ministério da Educação do Nepal anunciou que 19 escolas foram afetadas pela torrente de lama — nove delas estão destruídas. Pelo menos 200 estudantes estão na lista dos desaparecidos e 20

morreram na inundação. As autoridades nepaleses intensificaram os esforços para resgatar cerca de 900 operários de usinas hidrelétricas que ficaram presos dentro de túneis à margem do Rio Trishuli.

Mudança climática

A tragédia da última quarta-feira acendeu o alerta sobre o potencial catastrófico do aquecimento

global. Consultor principal para o processo multilateral de mudanças climáticas dos Países Menos Desenvolvidos e diretor da Climate Analytics no Sul da Ásia, o nepalês Manjeet Dhakal publicou recentemente um estudo revelando que eventos extremos estão se tornando até três vezes mais prováveis devido a mudanças climáticas de origem humana. “As temperaturas em ascensão têm derretido e desestabilizado as

geleiras, alterando as condições de congelamento e descongelamento, além de modificar os padrões de chuva e neve em toda a região do Himalaia. Esses fatores podem aumentar a instabilidade das montanhas”, explicou à reportagem. “As mudanças climáticas estão cada vez mais inclinando a balança para a ocorrência de perigos em cascata nas montanhas.”

Dhakal crê na possibilidade de reduzir os riscos. Ele defende que o Nepal realize um monitoramento robusto das geleiras e das encostas, e invista em redes hidrometeorológicas, sistemas de alerta para múltiplos riscos e infraestrutura resiliente ao clima. “Países montanhosos vulneráveis não conseguem financiar e implementar sistemas sociais. A adaptação não pode substituir a mitigação: a continuidade das emissões de combustíveis fósseis e do aquecimento global levará, cada vez mais, os sistemas montanhosos para além dos limites de adaptação.”

Nisha Bhandari/AFP



O nepalês Kami Rita Sherpa: “Geleiras do Himalaia recuam”

Alpinistas veem mudanças na cordilheira

Kami Rita Sherpa chegou 32 vezes ao cume do Everest — a montanha mais alta do mundo, com 8.848m. Único homem a conseguir essa façanha, o alpinista nepalês de 56 anos admite que a Cordilheira do Himalaia está sofrendo alterações. “Com base na minha experiência de escalada do Himalaia por mais de três décadas, desde a primeira subida ao Everest, em 1994, testemunhei mudanças importantes nas montanhas. Uma das maiores transformações que percebi foi a quantidade de neve e gelo sobre o Everest e em outros picos do Himalaia. Em muitas áreas, parece

haver gelo e neve menos permanentes do que antes, e as geleiras estão recuando”, afirmou, em entrevista exclusiva ao **Correio**. “Locais antes cobertos de neve espessa ou de gelo estão mostrando mais rochas expostas. Também percebi mudanças em geleiras e em cascatas de gelo, assim como nas condições de escalada.”

Kami admitiu que as montanhas mudam naturalmente. “Mas, em comparação com meus primeiros anos de alpinismo, as mudanças vistas agora parecem mais visíveis e rápidas. Temperaturas mais amenas podem afetar a estabilidade na neve

e do gelo, tornando as rotas de escalada mais difíceis e imprevisíveis”, explicou. “Enquanto guias de montanha e alpinistas, devemos respeitar essas mudanças, proteger o meio ambiente e continuar a aprender sobre como escalar de forma segura em um mundo de montanhas em metamorfose.”

O australiano Oliver Foran também colocou seu nome no *Guinness*, depois de quebrar o recorde de escalada mais rápida do Everest a partir do nível do mar. Aos 27 anos, ele chegou ao cume da montanha em 27 de maio, depois de 50 dias. Ao **Correio**, Foran garantiu que as

mudanças climáticas são um grande problema no Himalaia. “Também presenciei isso. Durante um subida ao Everest, meses atrás, vi que a massa de gelo estava o mais sólido possível. Quando descesmos, ela ainda se encontrava firme. Em meu retorno ao Everest, no verão, aquilo parecia um rio. O gelo estava derretendo, era algo impressionante. Vimos alguns seracs (blocos de gelo) enormes, que tinham acabado de desabar. É um problema grave o que enfrentamos nas grandes montanhas”, afirmou, por meio do WhatsApp.

Em 21 de maio passado, River Ahmad, 31, tornou-se a primeira afegã a superar os 8.848m do Everest. Ela contou ao **Correio** que, durante a escalada, percebeu modificações nas geleiras, com gelo exposto e menos neves em algumas áreas. “O que aconteceu no Nepal é de partir o coração. Não podemos dizer que o desastre foi causado pela mudança climática, mas um Himalaia em aquecimento torna as geleiras e as encostas das montanhas menos estáveis, aumentando o risco de avalanches, deslizamentos de terra e inundações”, disse Ahmad. (RC)

VENEZUELA

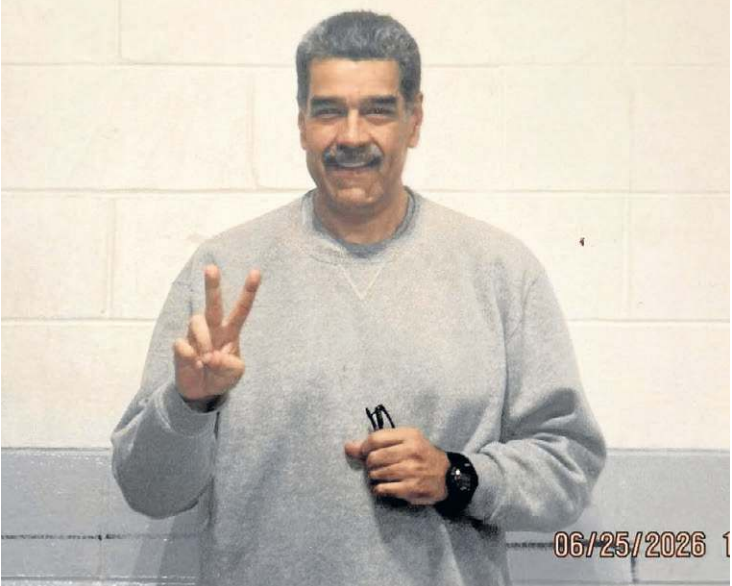
Delcy garante manutenção de soberania; Maduro exhibe fotos

No dia em que o presidente deposto Nicolás Maduro divulgou suas primeiras fotografias na prisão em Nova York, a líder encarregada da Venezuela, Delcy Rodríguez fez uma declaração inédita sobre o acordo firmado com os Estados Unidos sobre as reservas petrolíferas do país sul-americano. Ex-vice de Maduro, Delcy assegurou que seu país manterá a soberania e a propriedade sobre o próprio petróleo. Queremos ser uma potência energética, uma grande produtora de petróleo, uma exportadora significativa de gás e uma grande desenvolvedora petroquímica”, anunciou, durante discurso em rede nacional de televisão, no qual explicou o “caminho da diplomacia” com Washington escolhido pelo governo de Caracas.

De acordo com Rodríguez, a Venezuela mantém a propriedade dos 17 “campos estratégicos” que os Estados Unidos controlarão, com o objetivo de produzir 1,5 milhão de barris por dia. Caracas receberá US\$ 19 (cerca de R\$ 98,79) por barril vendido. O presidente dos EUA, Donald Trump, publicou em sua plataforma Truth Social que usará o petróleo venezuelano para “reabastecer as reservas estratégicas nacionais”. O republicano culpou o antecessor, Joe Biden, por praticamente esvaziar essas reservas. “O processo de reposição começará em breve e é um presente da Venezuela para o povo dos Estados Unidos”, escreveu Trump.

Ex-presidente da Palmar, filial da estatal petrolífera

Nicolás Maduro/X



Nicolás Maduro em fotografia tirada em 25 de junho passado na prisão

venezuelana PDVSA, Eddie Ramírez acusou Trump de mentir. “O nosso tipo de petróleo — mais pesado e com maior teor de enxofre — não atende aos requisitos para essa reserva anunciada por Trump”, explicou ao **Correio**. “O fato é que, sob a nossa Constituição, as reservas pertencem à nação. No entanto, não há dúvida de que, ao acatar as ordens de Trump — e permitir que os EUA administrem a exportação e a venda do nosso petróleo, repassando à Venezuela apenas uma parcela não revelada —, carecemos de soberania.”

“Estamos firmes”

A 275 dias do início do julgamento em Nova York, Nicolás Maduro publicou duas fotos na prisão.

Em uma delas, ele aparece de óculos, sorridente, fazendo o “V” de “vitória” com as duas mãos. Na outra, segura os óculos com a mão esquerda e faz o mesmo sinal com a direita. “Pequeno presente de amor e de esperança. Envio essas fotos como um pequeno presente a todos os meus netos e netas, aos meninos e às meninas, e a todo o povo nobre que nos ama. Quero que saibam que estamos firmes, com o coração cheio do amor de vocês. Esse amor que nos chega convertido em oração, em ação permanente, em solidariedade e em apoio verdade. Agradecemos infinitamente por cada palavra, cada gesto, cada bênção”, escreveu em mensagem que acompanha as imagens. (Rodrigo Craveiro)